

GÊNERO, SEXUALIDADE E RELIGIÕES

“Não é comigo que você tem que ficar!”: Uma análise da sociedade brasileira a partir da solidão de bichas negras

Vinicius Henrique dos Santos ¹

Resumo. A partir da escrevivência de homens gays negros este artigo lança mão de uma crítica a monogamia dos afetos a fim de ampliarmos a compreensão acerca da solidão que atravessa essa população. Utilizando-se de revisão bibliográfica, a escrita de gays negros sobre suas emoções tornam-se aqui um dado fundamental para analisarmos criticamente a sociedade e promovermos conhecimento de que a solidão que recai sobre esses sujeitos advém não só do racismo e da homofobia como também da monogamia dos afetos.

Palavras-chave: solidão; monogamia; afetos; gays;

Abstract: Based on the writings of black gay men, this article criticizes the monogamy of affections in order to broaden our understanding of the loneliness that this population experiences. Using a bibliographic review, the writings of black gay men about their emotions become a fundamental piece of information for us to critically analyze society and promote knowledge that the loneliness that these individuals experience comes not only from racism and homophobia but also from the monogamy of affections.

Keywords: loneliness; monogamy; affections; gays;

INTRODUÇÃO

Somar as palavras “gay”, “negro” e “solidão” em sites de pesquisa ou em redes sociais resulta em diversos textos, desabafos e artigos acadêmicos. A matemática dessa combinação revela um fenômeno social que aqui receberá atenção, análise e afeto. A partir da escrevivência² de gays e bichas negras sobre

¹ Mestre em Sociologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UEL (PPGSOC/UEL), prof.viniciu@gmail.com

² Escrevivência é um conceito criado por Conceição Evaristo e ele indica a escrita de vivências de coletividades negras. Quem utiliza-se desse conceito para mobilizar sua escrita apresenta experiências atravessadas por fatores étnicos, raciais e de gênero que visam gerar reflexão sobre a realidade do grupo que pertencem, sendo especialmente utilizado por mulheres negras. Apesar de ter sido elaborado no campo da literatura é importante encará-lo como uma ferramenta de (re) construção de uma história escrita por mãos negras, ou seja, como uma forma de resgatar as experiências de um grupo social que foi majoritariamente excluído das narrativas históricas oficiais. E mesmo que a literatura não tenha compromisso com a objetividade científica, a base que dá forma a

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

suas trajetórias afetivas este artigo analisa questões de desejo, (des)gosto e da solidão de gays negros no Brasil. Lançando mão de uma crítica a monogamia dos afetos, o objetivo do texto é dar inteligibilidade as problemáticas que atravessam a vivência de gays negros com relação a suas emoções e sexualidades, colocando em perspectiva que a solidão de bichas negras no país advém não só do racismo e da homofobia como também da monocultura de afetos para pessoas brancas.

Este estudo se localiza no campo da Sociologia das Emoções, isto significa que nesta pesquisa a manifestação de emoções de um grupo de indivíduos, mais especificamente a tristeza, a dor e a solidão de homens gays negros, tornam-se objetos privilegiados de observação para análise crítica da realidade social. Segundo David Le Breton (2019, p. 116), as emoções (do mesmo modo que as ações) obedecem lógicas individuais, institucionais e sociais, elas também possuem contexto e portanto, não são meras expressões selvagens. Assim, podemos considerar que toda emoção é provida de sentido, visto que é apreendida em sociedade, e dessa forma, não só carrega como revela elementos de racionalidade, estruturas e ações condicionadas socialmente.

Destarte, podemos afirmar que fenômenos emocionais como o desejo, (des)gosto e a solidão são fenômenos sociais que podem revelar muito sobre um determinado grupo social ou cultural³. A solidão da mulher negra, por exemplo, é um tema comum entre as agendas dos movimentos negros brasileiros. As inúmeras pesquisas que analisam os efeitos do racismo na sociedade brasileira evidenciam que a mulher negra, na maioria dos percentuais de desigualdade, se encontra só na pirâmide social, afastada da realidade de homens brancos e negros e ainda mais das mulheres brancas, as mulheres negras compõem a base de um sistema de exploração que não as permite ter companhia nem mesmo entre as bases da desigualdade⁴.

vivência e que inspira a escrita dos autores que utilizam tal conceito não é menos real que tipos ideais construídos pela ciência, como a dor, a desigualdade e o racismo presentes nas escrituras de Conceição Evaristo.

³ Isso não significa que as emoções podem ser compreendidas apartadas de uma análise das relações de poder, pelo contrário. Como adverte Vinícius Queiroz (2022, p. 24), é necessário ponderar como se configuram as relações de criação e distribuição do poder de um contexto sociocultural para, a partir disso, mediar a interpretação acerca do que as emoções revelam sobre ele.

⁴ Segundo o levantamento realizado pela Lilia Schwarcz em 2018 (2019, p. 104), o número de mulheres negras em situação de pobreza era de 35% enquanto o de homens brancos era de 16,6%.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Contudo, tal fato não é obra do acaso, o racismo continua promovendo cenários de desvantagem para a população negra em detrimento de vantagens para a população branca, violência racial que ao cruzar com as violências de gênero afasta ainda mais as mulheres negras de outros grupos sociais. Essa herança colonial colocou a mulher negra apartada dos lugares de prestígio e poder desde a escravidão, sistema social que aliás, estruturou a nossa sociedade. Sob o escravismo as mulheres negras eram vistas apenas para servir, inclusive na questão sexual (RIBEIRO, 2022), segundo Lilia Schwarcz (2019, p. 23), neste período essas mulheres davam de mamar aos pequenos senhores e senhoras, eram obrigadas a abandonar seus próprios filhos e sujeitadas a um regime árduo de trabalho, acumulando funções domésticas, encontrando-se até hoje entre duplas jornadas de trabalho.

Entretanto, a solidão que destacamos neste texto não trata apenas do fato de um grupo se encontrar sozinho em meio a uma estatística. A solidão a que nos referimos se refere às relações de afeto⁵ e de não preterimento. Uma vez que a abolição da escravatura em termos legais ocorreu a quatro gerações passadas, muitos dos costumes e hábitos gestados por este sistema seguem vigentes. A exemplo da mulher negra brasileira, a soma de relatos do grupo⁶ em não ser preterida em relacionamentos, não ser escolhida em processos seletivos e muitas vezes ser a primeira a participar, fazer ou realizar algo socialmente, é reflexo das dinâmicas escravistas em que mulheres negras eram tomadas como objeto de satisfação sexual dos senhores, das relações em que eram tidas como menos humanas e menos capazes que mulheres brancas e até mesmo da impossibilidade de acessar outros lugares que não a senzala.

E a desigualdade também atravessa o tempo de vida, em 1993, o total de mulheres brancas com mais de sessenta anos de idade representava 9,4% e o de mulheres negras 7,3%, já em 2007, os dados apontaram 13,2% e 9,5%, respectivamente (SCHWARCZ, 2019, p. 145).

⁵ Desde já, esclareço que a palavra afeto se refere, como indica Geni Núñez (2023, p. 25) a um processo amplo, e deve ser compreendido no sentido de afetação, seja positivo ou negativo, e não faz alusão a carinho ou a um sinônimo para se referir a alguém com quem se mantém qualquer tipo de vínculo afetivo-sexual e sim ao processo e a capacidade de ser afetado por determinado sujeito ou situação.

⁶ NÓBREGA, Ana. Solidão da mulher negra: entenda o conceito. Disponível em: [https://www.ecycle.com.br/solidao-da-mulher-negra/#:~:text=de%20forma%20prejorativa.-,Mulheres%20negras%20e%20a%20solid%C3%A3o%20um%20panorama,e%2013%25%20%C3%A0s%20vezes\)..](https://www.ecycle.com.br/solidao-da-mulher-negra/#:~:text=de%20forma%20prejorativa.-,Mulheres%20negras%20e%20a%20solid%C3%A3o%20um%20panorama,e%2013%25%20%C3%A0s%20vezes)..) Acesso em: 18 jul. 2024.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Data do período da escravidão os estereótipos da “mulata” que recaem sobre a mulher negra como uma mulher mais “propensa” à sexualidade, construções históricas e sociais, que nada devem aos dados da realidade, mas que permanecem atuantes, tendo em vista que o fim da escravidão, em termos geracionais, ocorreu ontem⁷ e que quando encarada enquanto um sistema social permanece produzindo efeitos. Justamente, a pesquisa de Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013) demonstrou como esses estereótipos sobre as mulheres negras no cenário baiano e brasileiro ordenam as vidas e as afetividades desses sujeitos e causam não só a solidão estatística como também a solidão emocional do grupo. Assim, ao se deparar com um conjunto de mulheres negras expressando emoções de solidão, dor e tristeza, é possível assinalar e interpretar as estruturas que ordenam as dinâmicas sociais que as afetam dessa forma, em questão a escravidão e o racismo.

No portal Geledés⁸, existem muitas discussões sobre o assunto, dentre elas destaco a fala da Gleide Fragra (2015), que sintetiza os efeitos do racismo e da escravidão sobre suas emoções:

[...] ver-se colocada como segunda opção, pois nós mulheres e negras, somos colocadas como as “mulatas de carnaval”, num turismo sexual completamente exacerbado frente a mídia brasileira que nos vende como meras bundas carnavalescas, e isso impactando diretamente nos relacionamentos, faz com que eu esteja colocada no lugar da amante, da fogosa, da “boa de cama”, da “mais quente”, a que desperta desejo, mas nunca amor/paixão.

Porém, outros corpos negros também tem levantado questões de solidão, dor e não preterimento, é o caso de homens gays negros e especialmente as bichas negras⁹. Hyago Carlos (2018) e Douglas Ventura (2016) narram em seus textos

⁷ Baseado na leitura de Flávio dos Santos Gomes e Lília Schwarcz (2018) este artigo incorpora a perspectiva de que a abolição aconteceu ontem. Encarar o evento dessa forma é um contraponto à narrativa da história oficial, que em seus textos, ao se referir ao período da escravatura, coloca esse acontecimento de forma distante do presente como um passado obsoleto, sem impacto sobre o presente, o que estudos críticos demonstram que não é verdade.

⁸ Fundada em 30 de abril de 1988, Geledés é uma organização da sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres e negros por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo vigente na sociedade brasileira.

⁹ Segundo Megg Rayara (2018, p. 171), “bicha”, particularmente a “bicha negra” é uma categoria que não dialoga com a *biche* de origem francesa e burguesa, tendo em vista que sua vivência é

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

experiências individuais e coletivas acerca do impacto do racismo sobre suas emoções e afetos, ambos os autores enfatizam que a valorização das características brancas em detrimento da desvalorização de características negras diminui a autoestima da população negra e que a expectativa social de uma masculinidade exacerbada sobre homens negros transforma-se em hiperssexualização e na interdição de suas identidades. Douglas Ventura (2016) chega a unir os atravessamentos elencados sobre a identidade de corpos negros masculinos, gays e afeminados para indagar a ausência de gostos por homens gays negros, assinalando-os em um não-lugar nas relações de afeto.

Por sorte, Douglas Ventura (2016) não nos deixou respostas definitivas, o que nos permite reorganizar as suas perguntas sem ter a pretensão de esgotar o assunto. Dentre elas, quais entraves os sujeitos, também negros e que não são validados dentro de uma dinâmica da família tradicional, enfrentam? Para ser mais explícito, onde são colocados os homens gays negros no fluxo dos gostos, desgostos e afetos face ao racismo e a escravidão? E se nenhuma mulher negra se beneficia das relações monogâmicas, como aponta Gleide Fraga (2015), qual seu impacto sobre as vivências de um homem gay negro?

A fim de organização textual, este artigo se divide agora em três partes: na primeira apresento um breve nexos do tema com relação as questões da solidão do gay negro no Brasil, tarefa realizada com auxílio da revisão bibliográfica da pesquisa de Vinícius Queiroz (2022); na segunda parte registro uma escrevivência de minha autoria, pois sou um sujeito negro e minhas emoções são objeto deste estudo; na terceira parte analiso os dados a partir de uma crítica à monogamia dos afetos, efeitos do racismo e da homofobia e por fim entrego algumas considerações finais sobre o tema. O objetivo geral é contribuir para a compreensão de problemáticas que atravessam as vivências de bichas negras brasileiras, assim como eu.

1. QUESTÕES DE AFETO E (DES)GOSTO: SER HOMEM, GAY E BICHA NEGRA

assinalada por efeitos do regime escravista. Trata-se de uma categoria de identidade que desafia não apenas as normas de gênero, mas a sociedade como um todo.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Em 2020, o cantor e compositor Rico Dalasam inseriu em seu repertório uma música sobre suas relações afetivas¹⁰. A letra, que apresenta um diálogo entre um gay negro e um interlocutor gay branco, sintetiza a falta de esperança de gays negros no campo dos afetos:

[...] Não é comigo que você tem que ficar [...] você não swinga no social da coisa; É, se tiver uma festa de fim de ano da sua empresa, do seu trabalho, que cada um tem que levar seu companheira, sua companheira, você vai segurar o reggae de me levar? Não vai! [...] Para eu viver esse tipo de coisa? Para eu ser escondido? E não adianta falar que ama, você vai peitar isso? Você vai peitar 500 anos de uma parada, por causa de um amor? De um suposto amor, você nem tem certeza. Não vai, pai! Então não é comigo que você tem que ficar!

A composição, encarada por este trabalho como uma escrevivência, revela a angústia de um gay negro ao não ser legitimado por seu parceiro branco em um relacionamento afetivo e romântico. E o que mais nos chama atenção é a descrença da voz negra sobre a capacidade de agencia do seu companheiro branco diante da estrutura social em nome do amor, ou como ele mesmo diz, de um suposto amor, assinalando, então, que não é com ele que seu parceiro deve ficar. Sem as pesquisas realizadas no campo da Sociologia e da Antropologia das Emoções sobre masculinidades, afetos e sexualidades, essa escrevivência, bem como outros relatos, poderiam ser encarados como apenas expressões individuais que nada devem às estruturas e as dinâmicas sociais.

Mas, a luz do trabalho de Vinícius Queiroz (2022), podemos interpretar as múltiplas estruturas sociais presentes no contexto de gays negros brasileiros e assim compreender as formas que esses indivíduos agenciam-se mediante a tais realidades com foco em suas trajetórias sócio-afetivas. A começar pela descrença na capacidade de agencia de indivíduos brancos com relação às estruturas sociais presente na música do compositor Rico Dalasam e nos desabafos de Hyago Carlos (2018) e Douglas Ventura (2016) ao expressarem sentimentos de frustração pela

¹⁰ A música pode ser acessada através da referência: NÃO é comigo. Intérpretes: Rico Dalasam. [S.l.]: Altafonte, 2020. (94 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ekPzUn25HpY>. Acesso em: 18 jul. 2024.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

incapacidade de se sentirem desejados e/ou considerados na rede de gostos de potenciais parceiros sexuais.

Vinícius Queiroz (2022), em diálogo com Michel Bozon (2004, p. 14), chama nossa atenção para o papel das construções sociais na elaboração da sexualidade humana. Para ambos os autores, os seres humanos, diferente dos animais, dependem de um aprendizado social para saberem de que maneira devem agir ou reagir diante das circunstâncias. Dessa forma, em uma sociedade estruturada pela escravidão e condicionada pelo racismo, que sustenta o equilíbrio instável da hierarquia de poder hegemônica, os indivíduos homossexuais são orientados por lógicas que definem o que é importante e o que não é para estruturar as relações sociais as quais dependem e ainda obterem prestígios. No caso essa sociedade é o Brasil, onde o processo de estigmatização da pele negra, estabelecido pelo escravismo e orientado pelo racismo, atribuiu uma suposta inferioridade de corpos negros na suposta superioridade de corpos brancos.

Logo, nas dinâmicas dos afetos, isto é, ser afetado (ou não) por corpos negros, existe uma carga cultural negativa que informa que esses sujeitos são de menor valor e portanto, não darão retornos positivos em caso de relacionamentos ou uniões estáveis com esses sujeitos (românticos ou não). No texto de Hyago Carlos (2018), o autor abre diversas perguntas para jovens gays negros sobre suas tentativas de se ajustarem a símbolos que representam maior valor, ou seja, símbolos que representam a branquitude para serem quistos ou aceitos. Porém, o próprio autor reconhece essa impossibilidade e assinala a solidão e o peso de decepções a qual estão fadados. A descrença do autor, do cantor e de Douglas Ventura (2016) são passíveis de maior compreensão ao observarmos como hábitos, capitais e campos sociais moldados pelo escravismo e pelo racismo geram entraves às suas realizações de desejo.

Pierre Bourdieu (2002) desenvolveu conceitos importantes que também podem contribuir para nossa análise sobre as emoções de homens gays negros no Brasil, exatamente *habitus*, *campo* e *capital cultural*. O autor define *habitus* como gostos e formas de conduzir a vida que são incorporados pelos indivíduos dentro de um *campo*, que possui dimensão própria com relação a outros espaços sociais, na perspectiva de Bourdieu cada espaço social possui uma dinâmica e princípios

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

próprios e de certa forma são autônomos com relação aos demais. Já os *campos* são espaços organizados por posições cuja ocupação depende da soma de *capitais* das posições nestes espaços. Exemplificando a relação dos conceitos com o tema que aqui vem sendo discutido: os agentes homossexuais que portam um *habitus* correspondente ao *campo*, são como “peixes na água”, ou seja, naturalmente ajustados para fazer o que é preciso fazer. E por terem se constituído através da incorporação e reiteração de estruturas de um mesmo universo, os agentes tornam-se geradores de práticas ajustadas ao mundo social no qual eles estão inscritos.

Assim, homossexuais brancos, informados pela estrutura que desvaloriza atributos relacionados a características e a própria cultura negra tendem a não ter como primeira escolha sujeitos negros para se relacionarem ou serem encarados como dignos de afetação positiva. Uma vez que a história oficial, a mídia e costumes estabelecem o preterimento a características brancas e reiteram cotidianamente que esses são símbolos de prestígio, muitas das vezes a agência de sujeitos brancos está condicionada a este gosto ou estilo de vida, isto é, a este *habitus*. Nesse sentido, quando Rico Dalasam expressa descrença na capacidade de seu companheiro branco em assumi-lo, dizendo que não é com ele que ele deveria ficar, é possível identificar nessas emoções o escravismo e o racismo que estruturam os espaços que esses agentes transitam, tendo em vista que o gostar de pessoas negras, apesar de ser uma possibilidade dentro da agência dos sujeitos brancos, é impactado pela legitimação de uma ordem social que atravessa os afetos a pessoas negras e a forma de sua construção, sendo um desafio “peitar” 500 anos de uma “parada” estrutural por causa de um amor.

Michel Bozon (2004, p. 14) afirma que a sexualidade possui um papel importante na legitimação da ordem estabelecida e de fato, ao analisar a ordem estabelecida a partir de chaves interpretativas como o escravismo e os efeitos do racismo é possível identificar o quanto o preterimento a pessoas brancas nas relações de afeto contribui para a manutenção de uma sociedade desigual estruturada pelo racismo e sob efeitos da escravidão. Contudo, é importante pensar no encontro e na interação de fatores sociais que definem a identidade de sujeitos

negros que também são homossexuais. Tendo em vista que a ordem estabelecida brasileira possui influências cristãs - que não aceitam o relacionamento e os afetos que fogem da norma heteronormativa -, os afetos positivos além de brancos, envolvem exclusivamente um homem cisgênero e uma mulher cisgênera.

Sobre a interseccionalidade de fatores raciais, de gênero e sexualidade sobre a identidade da bicha negra, Vinicius Queiroz (2022, p. 19) aponta que a colonialidade marcou o homem negro como uma “besta-fera”, ou seja, apesar de ser dotado de características masculinas, como a de homens brancos, a categoria de raça tornou sua identidade inferior a de homens brancos, especialmente no quesito intelectual. Para o autor em questão, a identidade do homem negro faz com que vejamos dois fatores que em essência se excluem, visto que a sociedade brasileira estabeleceu ao homem o status de Ser, mas que a raça diminui, atribuindo esse status somente ao homem branco. Ao mesmo tempo, a categoria da raça criou uma expectativa de masculinidade exacerbada sobre homens negros em uma suposta animalidade de sua existência - o que impacta diretamente sua sexualidade - visto que, essa masculinidade exacerbada implica virilidade e heteronormatividade.

A partir do nexos dessas ideias sobre as emoções e afetividades de sujeitos gays negros podemos apontar que para além da estrutura social produzir um não preterimento sobre sujeitos negros, quando o mesmo é preterido, o sujeito corre o risco de ser colocado como objeto de experimentação da sua suposta animalidade e de uma sexualidade exacerbada. Do outro lado, as bichas negras que optam (ou não) em recusar a performance da masculinidade criam uma confusão entre as categorias de desejo, ora sendo lidas como duplamente desprestigiadas - tendo em vista os fatores negativos sobre o feminino e a pele negra - ora sendo ocultadas, colocadas no sigilo das relações - a fins de experimentação. Mas, ao estar nesta posição a bicha negra tensiona e expõe uma outra estrutura da sociedade: a monogamia.

Portanto, quando deparam-se com um corpo negro lido enquanto masculino mas que não tem em sua performance corporal (de maneira consciente ou inconsciente, proposital ou não) uma ênfase

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

em sua masculinidade (muito pelo contrário, é um corpo feminino) lidamos com uma existência que é passível em algum grau de surpresa, estranhamento, abjeção, desvalorização, injúrias ... Em palavras mais diretas, a bicha negra pega o estereótipo da hiper-masculinidade negra e soca no cu, e isso tem um preço (QUEIROZ, 2022, p.71)

O preço a ser pago é ditado não só pelo racismo que desprestigia características negras ou pelo escravismo que habitua pessoas brancas a não preterir tais sujeitos nas dinâmicas dos afetos, mas também pela monocultura de afetos que estrutura as relações da nossa sociedade, essa que não admite relações homoafetivas ou prevê¹¹ relações voltadas a pessoas negras. Segundo Gení Núñez (2023, p. 27), a invasão colonial, acompanhada da presença de missionários cristãos no Brasil, impôs a monocultura sobre o campo e sobre os afetos. Na perspectiva da autora, a catequização dos povos indígenas (e a reiteração de práticas cristãs pelo Estado) foi dotada de uma ideologia da monocultura da fé, que não admite a concomitância, que não consegue conviver com a diversidade. Essa mesma ideologia tornou-se base para as dinâmicas de afetos no meio social.

A monogamia tem como principal característica constitutiva a não concomitância de relações como critério de fidelidade e também a indissolubilidade do vínculo, de essência cristã, no país a monogamia é uma estrutura que não considera relações homoafetivas como legítimas e supõe a abdicação da autonomia do corpo feminino em prol do controle masculino sobre ele (e em tese vice-versa). Gení Nunez (2023, p. 40) também analisa leis brasileiras e indica que há uma imposição jurídica para que os sujeitos adequem-se ao *habitus* da monogamia, uma vez que esse estilo de vida está ligado ao direito à propriedade, à previdência, à

¹¹ Ao dizer que a monogamia não “prevê” relações voltadas a pessoas negras, não concluo que pessoas negras são excluídas da estrutura monogâmica e que portanto, não existem pessoas negras em relacionamentos monogâmicos, o que seria um erro. Ao dizer isso, me refiro ao processo de imposição da monogamia no Brasil que, atravessado por visões racistas e coloniais do período, não as previa no interior de relações legítimas pelo Estado, afinal, como aponta a pesquisadora Gení Nunez (2023), o objetivo geral dos padres missionários nos contatos com indígenas não era inseri-los nas relações com os brancos a partir da monogamia e sim impor valores cristãos-monogâmicos sobre aqueles indígenas em suas relações para a catequização. De todo modo, os estereótipos sobre a mulher negra, como visto no tópico anterior, denunciam que na dinâmica monogâmica o lugar reservado para a negritude não é de esposa ou esposo, no caso da hipersexualização de homens negros.

pensão, assegurando que os direitos circulem apenas entre os sujeitos ditos da “família normal”, isto é, composto por homens cisgêneros e mulheres cisgêneras, especialmente brancos¹².

Enfim, podemos assinalar que os sentimento de descrença, solidão e desgosto expressos pelos sujeitos negros elencados no início deste tópico advém de estruturas que organizam campos da vida social. Os sentimentos indicados em textos e produções de gays negros, quando analisados seriamente, revelam uma rede de múltiplas estruturas sociais presentes em seus contextos: a saber o escravismo, racismo e a monogamia dos afetos. No próximo tópico me coloco como bicha negra e revelo parte de minha trajetória, uilizo-me da escrevivência para nutrir a pesquisa de dados que possam servir de análise e de certa forma revelar o preço que pagamos e as possibilidades para baixar este custo.

2. ESCRIVIVÊNCIA: A LISTA DOS DESEJOS

Quando eu estava no ensino médio, era comum que as garotas da sala fizessem, periodicamente, uma lista dos meninos mais bonitos da turma. Nunca demonstrei interesse em ler aquilo. Eu estava mais preocupado em tirar notas boas, se destacar de alguma forma, ser duas vezes melhor como minha mãe pedia. Mas, um dia, em que eu estava cada vez mais próximo de uma colega que recentemente fora integrada no grupo das meninas que podia fazer a lista, pedi em sigilo para ver quem estava no topo. Imaginei que não seria eu, e de fato, não era, nem o primeiro e nem o último. A colega sussurrou - “não fique assim, sabe, é que você, também, não é homem, né?” Eu nunca respondi a menina, na verdade, depois disso, nunca falei sobre isso, esse fato, de quando minha autoestima tinha sido quebrada pela primeira vez, até a escrita deste artigo¹³

¹² Interessante destacar, como fez Gení Nunez (2023, p. 33) que apesar do Estado brasileiro ser laico, a ideologia cristã é dominante e não se apresenta como uma perspectiva entre muitas, ela aparece como universal, a consequência no campo prático do direito é uma mistura entre pecado e crime que fez o Estado considerar o adultério como crime até 2005 e apenas em 2011 passou a reconhecer (ao menos em tese) a união homoafetiva como um núcleo familiar.

¹³ Viola Davis, na autobiografia “Em Busca de Mim” (2022), inicia a narração de sua trajetória a partir da vivência que marca a primeira vez que seu espírito e seu coração foram aniquilados. Faço menção do livro, pois a vivência descrita marca a primeira vez que minha autoestima enquanto pessoa negra fora destruída e que a partir dela atravesso e agencio o mundo. De maneira similar a autora, busquei abandonar aquele garoto negro em busca de aceitação.

O primeiro da lista era um garoto branco de pele clara, cisgênero, heterossexual, cristão, de cabelos lisos, castanhos, olhos azuis e que jogava futebol. Eu, que adorava os X-MEN¹⁴ e tinha admiração pelos poderes da personagem Mística¹⁵, me imaginava com a capacidade de me transformar em alguém assim, ou melhor nele, ainda que momentaneamente, para desfrutar de todo o tratamento que ele recebia. Aos poucos me aproximei dele, ele também estava preocupado em tirar notas boas. Nos tornamos colegas de grupos de trabalho, o que pra mim representava muito e gradualmente percebi que aquela proximidade afastava de mim as situações de *bullying* e me aproximava dos grupos que eram considerados populares na escola, sem contar os elogios dos professores.

Pouco tempo depois, eu mesmo reconheci que aquele desejo de aproximação transformava-se em um desejo afetivo-sexual, eu o desejava sexualmente. Algo inominável pra mim. Antes que eu pudesse descobrir o que era esse desejo, terminei o ensino médio, rompi contatos e fui para a graduação. O sonho de ser professor falava mais alto, e por isso assisti o filme “Escritores da Liberdade” (filme lançado em 2007) até chegar o primeiro dia de aula. Escolhi o curso de Ciências Sociais porque na escola, a professora de Sociologia era a única que me ouvia e me dizia pra fazer alguma coisa da vida. E eu fiz. A primeira fase do vestibular não foi difícil, já a segunda foi um pouco mais tensa. Depois da primeira aula, eu sentia que podia comemorar.

Havia uma celebração para quem ingressasse na universidade, festa que inaugurava a recepção dos calouros pelos veteranos. Por sorte, não havia trotes, eu não saberia identificar o que era se sofresse um. Decidi ir ao evento sozinho, não tive tempo de conhecer alguém pra ir comigo. Sabia que iria fazer algum contato por lá. E fiz vários, o mais significativo deles, foi quando me aproximei de um garoto negro parecido comigo, queria beijá-lo, ele sorriu pra mim, mas quando me aproximei ele deu as costas e iniciou um beijo longo e profundo em um garoto branco que ele já estava paquerando a algum tempo. Essa cena se repetiu algumas

¹⁴ Os X-Men são uma equipe de heróis da Marvel Comics.

¹⁵ A personagem possui o poder de transmutação, ou seja, a capacidade de mudar psiquicamente a formação de suas células biológicas para alterar sua aparência. Assim, ela consegue assumir a identidade de outros seres humanos e em algumas ocasiões a forma de animais.

vezes em festas diferentes com garotos parecidos. Até que conheci meu primeiro namorado, um garoto branco que em menos de um mês de namoro anunciou pra mim que havia instalado o tinder e que preferia relacionamentos abertos. Não duramos muito tempo juntos.

3. GAY, TUDO BEM! NEGRO E AFEMINADO? FORA DA LISTA!

Minha escrevivência não é universal, mas ela preenche um vazio, ou melhor dizendo, uma lacuna de interesse acadêmico, trata-se das narrativas de gays e bichas negras sobre suas trajetórias afetivas e sexuais, como denunciou Vinícius Queiroz (2022)¹⁶, para a partir delas produzirmos uma análise sobre questões de desejo, (des)gosto, e, mais especificamente a solidão de gays negros no Brasil. Apesar da Antropologia e da Sociologia das Emoções indicarem o racismo e a homofobia como parte constitutiva destes fatos, a figura da branquitude e a necessidade de se relacionar com ela aparecem, aqui, como possibilidades de ampliação do debate. Levando em consideração que na escrevivência e na bibliografia levantada contata-se não só a aversão ao que não é branco, como também a imposição do cultivo de interesses e de desejos, exclusivamente, para a branquitude no campo dos afetos, este estudo se coloca a frente de uma outra estrutura: a monogamia/monocultura dos desejos para pessoas brancas sobre a solidão de gays negros.

No Brasil, o racismo, a homofobia e a monocultura possuem uma localização histórica e social em comum, todas essas estruturas datam do século XVI ao XIX, séculos popularmente conhecidos como o “período da escravidão”, embora

¹⁶ No texto de Vinícius Queiroz (2022), o autor chama atenção para uma crítica feita pela autora Joyce Souza Lopes (2016) sobre o racismo epistêmico, ela sugere que os estudos concentrados em teóricos clássicos terminam na exclusão de autores negros e, conseqüentemente, na falta de identificação de estudantes oriundos deste grupo pelas disciplinas que aprendem. Esse cenário não favorece a produção de intelectuais negros, o que justifica a ausência de textos que versem sobre a emocionabilidade de sujeitos subalternos feitas a partir dos mesmos. Assim, a pesquisa de Vinícius Queiroz, que debruça sobre sua própria sociabilidade e demais sujeitos gays negros, aparecem como uma forma de ampliar as perspectivas representacionais da população negra, em especial de gays e bichas negras. Inspirado pelo diálogo entre os autores citados, este artigo pretende fazer o mesmo.

atualizadas até os dias de hoje através do escravismo. Segundo Lilia Schwarcz (2019, p.23), a escravidão foi mais do que um período, a configuração social da época, baseada na exploração forçada sob o uso da violência da mão de obra indígena e negra por grupos brancos, estabeleceu desigualdades sociais, moldou condutas, fez de raça e cor marcadores de diferença fundamentais, indicou uma suposta inferioridade das peles negras na suposta superioridade de peles brancas, firmou etiquetas de mando e obediência, e estruturou uma sociedade condicionada pelo paternalismo e pelo patriarcado no interior de uma hierarquia racial muito estrita, que apenas uma lei não poderia revogar e/ou instituir seu completo desaparecimento.

Afinal, a escravidão tornou-se um sistema social que norteou as interações dos grupos e das instituições por mais de três séculos e apesar do fim da sua legalidade econômica e produtiva, uma parte constitutiva de sua estrutura - o racismo - isto é, a reiteração de discriminações que tem a raça como elemento central, e que se manifesta através de práticas conscientes e inconscientes que promovem desvantagens para a população negra e privilégios para a população branca (ALMEIDA, 2021, p. 32), permanece atuante ao informar novas formas de preconceitos e violências, como também atualizar e resgatar práticas vigentes na escravidão. Uma vez que condutas, gestos e gostos escravistas eram legais apenas a quatro gerações passadas, isso significa que resquícios de suas normas podem ser encontradas junto de práticas racistas, tendo em vista que a abolição da escravatura alcança bisavós e avós desta geração.

Em minha escrevivência, os efeitos do racismo podem ser sentidos no meu desejo de ser duas vezes melhor que os outros a pedido de minha mãe, mulher negra de pele retinta, que reproduzia os ensinamentos dos Racionais MC's, grupo de rap que compartilhou uma visão estratégica de sobrevivência em nossa sociedade para a população negra estabelecendo que por ser negro era necessário ser duas vezes melhor - uma vez para provar que éramos humanos - tão humanos quanto pessoas brancas - e mais uma vez apenas para demonstrar que éramos capazes de fazer alguma coisa. Entretanto, se em 2024 a abolição da escravatura segue recente, no meu período do ensino médio era mais ainda, consequentemente, considerar pessoas negras tão capazes como pessoas brancas

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

ou dignas de afeto não era (e ainda não é) norma, muito menos representada na mídia, nos espaços públicos ou no imaginário.

É necessário colocar em perspectiva que, para além da desqualificação das características negras em prol da qualificação de características brancas nas categorias de beleza, o racismo ali atuante era envolvido por outras chaves de leitura da realidade, como a heteronormatividade. Quando minha colega anuncia que eu não estava na lista não apenas por ser negro como também por não ser homem, seu discurso revela uma categoria de gênero muito específica e brasileira, ou seja, a categoria de homem atrelada a sua performance sexual. Para ser homem, é necessário ser ativo, aquele que penetra, e por ser homem negro era necessário ainda atender a expectativa de uma super virilidade, como foi apresentado anteriormente.

E eu apesar de homem negro, estava (e ainda estou) longe dessa premissa. Eu era e ainda sou afeminado e por isso é importante observarmos as masculinidades sempre no plural, pois não se trata de uma categoria fechada e única. Mesmo assim, ao observar preterimentos às pessoas brancas sempre alicersei esse fato no racismo e em costumes da escravidão. Contudo, ainda quando conseguia me relacionar, ou seja, quando encontrava pessoas capazes de se sentirem afetadas positivamente por mim, pela minha figura. Também observava a incapacidade desses sujeitos, majoritariamente brancos, em considerar aquela relação legítima, o que me fez considerar outros alicerces que estruturam essa realidade, nesse caso a monogamia dos afetos para pessoas brancas.

O livro literário de Tobias Carvalho (2023) narra experiências afetivas de quatro gays homossexuais. Artur, homem gay branco se relaciona com Caique, homem gay negro, mas Artur também passa a se relacionar com um casal de gays brancos formados por Eric e Antônio. No romance, Artur é o protagonista da história e tal qual meu primeiro namorado passa a considerar o relacionamento aberto como uma forma de explorar afetos a outras pessoas e em especial Eric e Antônio. Chamo atenção para este livro, pois ele busca retratar relacionamentos homoafetivos na contemporaneidade, e de uma forma sutil (entre não-ditos) apresenta a personagem Caique sempre em segundo plano, apesar de namorar Artur, ele não é preterido dentro da relação, tendo em vista que seu parceiro,

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

mesmo o reconhecendo como única base familiar, investe maior parte de seus afetos para o casal branco - desconsiderando um equilíbrio afetivo em torno do Caíque.

Desde a escravidão, fomos levados a considerar como belo e como algo prestigioso a figura da branquitude, também convivemos com o hábito de preferir pessoas brancas na maioria dos cargos, um efeito do racismo, mas nas dinâmicas de relacionamento, a monogamia aparece aqui como uma outra estrutura que também rege os campos brasileiros. Uma vez que a monogamia estabelece um tipo de família ideal - a saber hetero, branca e cristã - sujeitos negros gays e afeminados se vêem em um lugar de desprestígio por fatores étnicos, raciais e sexuais que os impedem (na maioria das vezes) de acessar esse ideal. Gení Nunez (2023, p. 75) aponta que a família normativa se percebe em um lugar de quem pode e decidir com quem seus filhos vão se relacionar, e, muitas vezes, os critérios de escolha da pessoa certa (nunca várias) não são neutros, resultados das estruturas sociais passam por filtros racistas, misóginos, gordofóbicos, transfóbicos, capacitistas e afins. Eliminando a bicha negra de uma possibilidade de afetos.

Assim, uma vez que a monogamia estabelece como núcleo central esse modelo, bichas e homens gays negros são atravessados por uma invalidação, ainda que se encontrem dentro de um relacionamento. E talvez, a partir disso, seja possível compreender a solidão de pessoas negras mesmo em contextos de relacionamentos, tendo em vista que a figura da negritude, socialmente embriagada por estereótipos e estigmas, não os coloca no interior de uma família possível, isto é, entre um homem cisgênero, uma mulher cisgênera, brancos e cristãos e daí a necessidade de mesmo quando pessoas brancas são afetadas por pessoas negras, seguirem buscando os símbolos de prestígio que essa estrutura informa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, analisar questões de desejo, (des)gosto, e, mais especificamente a solidão de gays negros no Brasil não é uma tarefa simples. Ao longo deste estudo, períodos, sistemas de opressão, estruturas sociais, instituições e violências se encontraram para atingir um só corpo: o de homens gays negros e de bichas

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

negras. A vigência da escravidão por mais de três séculos no país instituiu modos de ser e agir, especialmente, a partir do tom de pele da população, o enraizamento desse tipo de organização da sociedade permitiu que o racismo seguisse como premissa básica das relações. Ao passo que a igreja cristã normatizou práticas sociais e a concentração da população de pessoas brancas nos lugares de prestígio e poder na sociedade brasileira permanece, a possibilidade do cultivo de afetos para a população negra diminui, e assim, em geral se encontram só, mas, sob a luz de violências de gênero e sexualidade, especificamente, homens gays negros, se encontram ou se sentem, melhor dizendo, sozinhos.

Os homens gays negros e as bichas negras enfrentam entraves em serem lidos socialmente enquanto humanos e dignos de afeto devido ao cruzamento de estruturas de opressão como o racismo, a homofobia e a monogamia. Todas elas juntas afastam a ideia e a possibilidade desses sujeitos serem encarados como potenciais esposos ou esposas, pois a monogamia não os considera legítimos, importante frisar que a monogamia emana do cristianismo colonial, para esse relacionamento. Assim, esses sujeitos são colocados em fluxos de experimentação do desejo sobre o outro e mesmo quando atravessam relacionamentos, tendem a enfrentar um campo que informa que aquele relacionamento não está pronto, ou seja, não é adequado. Conseqüentemente, não há benefícios da monogamia para a população negra em geral.

É válido ressaltar que este estudo possui suas limitações, afinal as análises foram realizadas a partir de dados localizados social e historicamente e que não tiveram a pretensão de dizer em grupo o que se pensa só. Também é válido explicitar que relacionamentos interracialis são possíveis e existem no imaginário e na realidade brasileira, porém, o estudo aponta para a necessidade de todos, especialmente as pessoas brancas, de criarem, dentro de suas capacidades de agencia, práticas que não reproduzam normas racistas, escravistas ou monogâmicas, embasando-se em uma artesanaria dos afetos e para a construção de uma prática e uma ética amorosa - como indicou bell hooks (2020) - que são contra hegemônicas, estabelecendo práticas baseadas na ação combinada de confiança, compromisso, cuidado, respeito, conhecimento e responsabilidade e escapando de

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

práticas baseadas nas ações que privilegiam grupos brancos em detrimento de grupos negros.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. 2021: Jandaíra, 2021.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002
- BOZON, Michel. Sociologia da sexualidade. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.
- CARLOS, Hyago. Notas sobre amor, afeto e solidão do gay negro. 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/notas-sobre-amor-afeto-e-solidao-do-gay-negro/>. Acesso em: 18 jul. 2018.
- CARVALHO, Tobias. Quarto Aberto. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- FRAGA, Gleide. Sobre a solidão da mulher negra. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/sobre-a-solidao-da-mulher-negra/>. Acesso em: 18 jul. 2024.
- LE BRETON, David . Antropologia das Emoções 1. In: LE BRETON, David. As NÃO é comigo. Intérpretes: Rico Dalasam. [S.l.]: Altafonte, 2020. (94 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ekPzUn25HpY>. Acesso em: 18 jul. 2024.
- NÚNEZ, Gení. Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
- OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Trejeitos e trajetos de gayzinhos afeminados, viadinhos e bichinhas pretas na educação! Periódicus, [s. l], v. 1, n. 9, p. 161-191, maio 2018.
- PACHECO, Ana Cláudia Lemos. Mulher negra: afetividade e solidão. EDUFBA, 2013.
- Paixões Ordinárias: antropologia das emoções. Petrópolis: Editora, 2009.
- QUEIROZ, Vinícius Luis Píres. QUESTÕES DE (DES)GOSTO: uma (auto)etnografia sobre trajetórias afetivo sexuais de gays e bichas negras.. 2022. 134 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Unesp de Marília (Ffc/Unesp), Marília, 2022.
- RIBEIRO, Reeh. Não é apenas estar sozinha: solidão da mulher negra assume diversas formas. 2022. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/nao-e-apenas-estar-sozinha-solidao-da-mulher-negra-as-sume-diversas-formas/>. Acesso em: 18 jul. 2024.
- SCHWARCZ, Lilia M.; GOMES, Flávio. Apresentação. In: AUTORES, Varios. Dicionário da Escravidão e Liberdade: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 18.
- SCHWARCZ, Lilia Mortiz. Sobre o autoritarismo brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 273 p.
- VENTURA, Douglas. A solidão e falta de esperança do preto gay. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/solidao-e-falta-de-esperanca-do-preto-gay/>. Acesso em: 18 jul. 2024.